

PATRIMÔNIO

(Rogério Villagran/André Teixeira)

Venho do oco da história,
Que foi escrita a trompadas,
A grito e ponta de lança,
E entrechoque de espadas.

Até parece que escuto,
Estampidos de garruchas,
E imagino aquela indiada,
Moldando a pátria gaúcha.

Chego a sonhar acordado,
Que ando junto peliando,
Num atropelo de patas,
Tropa à cavalo avançando.

Por isso que esta vanera,
É mais que amor pela terra,
Quando se abaguala inteira,
Com tons de um hino de guerra.

O meu verso é galponeiro,
Não necessita vaidade,
O meu canto é dos mais xucros,
Mas não esconde a verdade.

Porque o meu patrimônio,
Embora pareça pouco,
É muito, quando se espicha,
Uma gaita de oito soco...

Sempre de garrão trancado,
Feito quem escora um pealo,
Com o laço junto a cintura,
E as mãos judiadas de calos.

Forcejo pelo tirão,
Que um dia nossos avós,
Num costilhar de mangueira,
Golpearam e ficou pra nós.

No meu destino de andejo,
Eu sigo o rastro dos outros,
Que andaram pelos fiadores,
E “redemoniando” potros.

E junto as rodas de mate,
Aprendi de tempo e vida,
Com palavras de valor,
Ditas por mestres da lida.

VANERA PRA DANÇAR CONTIGO
(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

Eu tenho um sonho barbaresco e sedutor
Que na vida de cantador, vou dar jeito em realizar
Que é te encontrar no poeirão do chão batido
Dançar vanera contigo, até o candeeiro se apagar.

Ontante o Buja falou, correndo touro
Que peão dorme num couro e prenda dorme em cambraia
Eu sigo o passo de peão e cantador
Que a marcação do cantor é o sarandeio da saia.

Já me disseram que no baile do Nezico
Onde o mundo é mais bonito e a manhã nunca clareia
Quem não se apeia pra bailar uma vanera
Ou é torto das “cadera” ou é surdo das “oreia”

O baile antigo, tem pouco, mas não se acaba
Já toquei no Catuçaba e amanhã vou pro Suspiro
Tive notícia que tu bailas no Sodré
E as vezes larga de a pé, pra dançar lá no Retiro.

Se me tocou ser homem dos arreio
Fazer corda com floreio, puxar arame em moerão.
Tenho as “mão grossa”, pra ser fino na guitarra,
Mas pra vanera e chamarra vem sobrando a inspiração.

Ah! Se eu te encontro! Num salão de chão batido
Vou cantar no teu ouvido, vou arrodar na tua cintura
Vou te contar que te escrevi uma vanera
Fiz em cima da estriveira, sem papel, sem partitura.

ROSALVA

(Lisandro Amaral/André Teixeira)

Abre a cancela Rosalva
que eu tô chegando estafado
Venho da estância Rosalva
Pra descansar no teu lado

Trouxe uma erva caseira
que eu mesmo cuidei pra nós
e o meu amargo Rosalva
Se adoça ouvindo tua voz

Faz vinte dia Rosalva
Que eu te prometo e não venho
sou capataz de fazenda
Único emprego que eu tenho

Mas tu me entende chinoca
meu coração fica em ti
e foi assim companheira
que nós "formamo" os guri

Trouxe um consumo minha velha
uns mogango e vergamota
a belina vem lotada
De tanta coisa da horta

As galinha poedeira
tão como páscoa em orquestra
faz ambrosia que eu gosto
do teu domingo de festa

Quarenta anos Rosalva
que tu responde meu sim
e eu campereio Rosalva
Contigo dentro de mim

A CORDEONA DO ZÉ BERTO
(Anomar Danúbio Vieira/André Teixeira)

A cordeona do Zé Berto
Tem alma de corunilha,
Qual palanque puro “cerno”
Fincado sobre a coxilha.

Aguentadora de golpe
De tirão e simbronaço,
Conforme, muda de trote,
Depende, a força do braço.

A cordeona do Zé Berto
Oito soco de botão,
Retrata o xucro folclore
Que habita neste torrão.

Quando conta um infortúnio
De melodia se inunda,
Reponta um tempo reiuno
Numa saudade profunda.

Te abre nomás cordeoninha
Chorando em tom de alegria,
Quando tua voz se esparrama
Minha gente se pronuncia,
Alardeando aos quatro cantos
Que tu “dá” som à poesia.

A cordeona do Zé Berto
Já não afina umas “nota”,
Desde que levou um coice
D’uma petiça cambota.

Berro de touro nos baixos
Relinchos arrinconados,
E um sentimento borracho
Dentro do fole judiado.

A cordeona do Zé Berto
Gaita ponto redomona,
Tem léguas de campo aberto
Ecos de tropa e de doma.

- Vai fungando no cangote -
Que o galpão é o trecho certo,
Pra “estendê” a todo o galope
A cordeona do Zé Berto.

VESTIDO DE CHITA

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Pela mão da siá Anita,
Pra linda chinita,
Foi todo bordado
Um vestido de chita,
Com rendas, com fita,
Comprido e rodado.

Depois de provado,
Ficou bem sentado
No corpo da Rita.
E no baile do Amado,
pra o seu namorado,
Ficou mais catita.

O vestido apertado
No corpo delgado
Da linda chinita,
Tornou-se o culpado
Daquele pecado
Que aos olhos palpita.

Arrastando o vestido
Explica o sentido
Da vida e do amor.
Diz que o tempero
Do amor verdadeiro
É a beleza interior.

Pra quem namorica
O gaitero recita
No som do teclado.
E a linda chinita
Qual pluma se agita
Dançando valseado.

De olho parado,
O pessoal fascinado
Até não acredita.
Imagina calado,
Nos braços, fechado
O vestido de chita.

E a linda chinita
Na sala bonita,
Dançando valseado,
Deixou pras visitas
Saudade infinita
Do baile do Amado.

TAPERA DE BAILE
(Francisco Brasil/André Teixeira)

E no interior da tapera
será que vibra escondido
o som de algum instrumento?
Que num exato momento,
do ano setenta e tal,
pulsou o acorde final
que ficou preso ali dentro...

Ou será que com o tempo,
pelo céu e pelos campos
(que até estão diferentes!)
aquela noite inocente,
de baile no rincãozito,
foi terminando aos pouquitos
e é só saudade da gente?

Das reticências de vida
que ficam pelas taperas
com não sei quê de magia,
que dizer da nostalgia
do rancho onde se bailou,
se tocou gaita ou se amou,
e está tapera hoje em dia?

Quanta mentira de taita...
Quanto segredo de china...
em mil noites de fandango.
E o rancho assim, no entanto:
velho acervo de mistérios;
lembrando cambichos sérios
nas horas de mais encanto.

E até parece, é verdade,
que cada um da querência
deixou ali sua tapera;
quando recorda o que era:
o flete...a pilcha...a cordeona...
e o nome de uma ariscona
que hoje, talvez, inda espera.

Esta tapera de baile
é feita a própria lembrança
daqueles tauras de outrora,
que é donde vivem agora
ternuras de moças tantas,
que já branquearam as tranças
ou que já foram embora...

VISITA

(Rafael Miranda Machado/André Teixeira)

Faz assim – caso esteja disposta –
e consiga adequar teus horário
apareça me ver, ver se gosta
ou não gosta aqui do São Gregório.

Meia tarde sem chuva às segundas,
quartas, sextas na volta das quatro.
Sai um carro daí, mas te cuida
facilita e tu embarca no errado.

Faz assim – senta no corredor
y no más quédate muy tranquila
qualquer coisa diz pra o cobrador
que te acorde ao cruzar pela Vila.

Ao notar rancherio e igrejinha,
venda cheia e um colégio ocioso
Dá o que tem contra aquela piolinha
e bem-vinda à esquina dos Cardoso.

Uma esquina é uma encruzilhada
é um trevo, uma espécie de trevo
dois, três rumos pruma mesma estrada
ora a unir ora a afastar meu povo.

Quero e devo esperar d'otro lado
de a cavalo num fio da porteira
numa dessas se eu vê que me tardo
há uma bolsa amarrada à tronqueira.

Fosse tu - mas não sô - vinha quarta...
quinta em diante entra uma frente fria
só assim - sem condução pra volta -
tua estada se alonga alguns dias.

Fica assim: não gostando daqui
limpa o tempo e me mando contigo
Já vivi tempo o bastante aqui,
porém sem teu sorriso eu não vivo.
Porém sem teu amor não consigo!

MEU PAR DE ESPORAS
(Rogério Villagran/André Teixeira)

Meu singelo par de esporas,
Já desgastado e sem brilho,
Mas que quando apresilho,
Se alarma e se revigora;
Na mangueira ou campo a fora,
Onde trabalho de peão,
Contigo junto a função,
Até me sinto um monarca,
Roseteando boi na marca,
Nas manhãs de apartação.

Retorno ao galpão da estância,
Encilhando cavalete,
Por domador ou ginete,
Nas brincadeiras da infância,
Onde já tinha importância,
Na ilusão da campereada,
A cincha bem apertada,
Firmando um resto de garra,
Num faz de conta e por farra,
Pés no chão e espora atada.

Me lembra um maula, sotreta,
Que corvcoveava berrando,
E eu te largava floreando,
Ali no “mol” da paleta,
Beliscando com as rosetas,
Mordiscando pelo e couro,
Por graça, por desaforo,
Arranhando de mansinho,
Feito quem faz um carinho,
Numa tarde de namoro.

Sempre foste companheira,
Barulhenta, “buzinuda”,
Das que de longe, saluda,
Alardeando por faceira,
E além da lida campeira,
Nas horas de diversão,
Dancei muito vanerão,
Nos bailongos de ramada,
Contigo dependurada,
No cabo do meu facão.

Muito embora, enfraquecida,
Com o talareio opaco,
Atada com um tento fraco,
E pouco exigida na lida,
Nunca te deixo perdida,
Pelos ganchos do galpão,
Pois é triste a solidão,
E eu gosto do teu rezingo,
Marcando o trote do pingo,
“Colgada”, nos meus “garrão”.

Sei que vai chegar a hora
De apartarmos um do outro
E aquelas pegas de potros
Serem recuerdos de outrora.
Por isso, meu par de esporas,
Enquanto der, vamos indo.
Tempo a dentro, resistindo,
Sem nunca perder o tino.
E tu com o teu destino,
Vida a fora, retinindo.

CHURRASCO DE CAMPANHA (Rogério Villagran/André Teixeira)

Uma fumaça levanta
No costado do galpão...
Debaixo duma figueira
Clareia um fogo no chão.

O mate corre na volta,
Passeia a canha num frasco
E enquanto o domingo alinha
Vai se ajeitando o churrasco.

Manhã bonita de sol
Que reúne a muito gosto
Toda peonada da estância,
Gente da granja e do posto.

Porém no dia de ontem
A tarde foi de carneada,
Dois “capão”, um “leitãozote”
E uma brazina pesada.

A sombra fica varrida
Com vassoura de carqueja
E com gelo e casca de arroz
Num tonel, gela a cerveja.

A salmoura numa guampa,
Espetos de "Amarilho"
E o fogo fazendo brasa
De Aroeira e Espinilho.

O assador macanudo
Com o tirador de avental,
Tapeia o chapéu na testa
E vai conduzindo o ritual.

Com um facãozinho retaco
Que na chaira senta o fio,
"Resbala" um aperitivo
De matambre ou de vazio.

Como era lindo este tempo
De fartura nas estâncias,
Tempo de outros valores,
Outros gostos e fragrâncias.

Como era lindo um churrasco
Contemplando vida e rumo.
Charlas de campo e serviço,
Coisas de apego e consumo.

Os ciclos foram mudando,
As heranças repartidas
E as celebrações rurais
Foram ficando esquecidas.

Hoje o tom dos argumentos
Relacionam outros luxos,
Mas eu prefiro a humildade
Dum churrasco bem gaúcho.

FOLE FURADO

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Quando o fole furado se espicha
Nos requebros da oito-baixo,
Parece até uma lagartixa
Quando sai ladeira abaixo!

A gaita funga e assopra
Nos foles feito peneira
E o gaiteiro gajo galopa
Tapando e botando cera.

Com um tição aceso do lado
Pra o furo prepara a cera
E assim, bigode esgaçado,
Toca gaita a noite inteira.

A cera, ficando mole,
Destapa o furo manheiro.
E o vento que vem do fole
Dá nas ventas do gaiteiro.

E olhando pras sirigaitas
O tocador nem se abala
Tomando a fresca da gaita
No canto escuro da sala.

Da gaita morrem de inveja
As morochas de rosto suado,
Quando o gaiteiro se areja
Com o “fum” do fole furado.

Na noite, que nem se nota,
A gaita funga e resmunga,
E goela abaixo lhe bota
Cachaça com guaçatunga.

Quando dá uma paradinha
Prá o gaiteiro tomá um gole
Fica igual a uma boquinha
Cheia de dentes no fole.

E a gaita toda colada,
nas teclas fica maluca,
Vestindo a capa rasgada
De tanto andar na garupa.

ATALHO DE VIZINHO

(Edilberto Teixeira/André Teixeira)

Atalho de vizinho é o combinado,
Na volta de uma sanga ou num campestre,
Descendo um bebedor que fez o gado
Ou nalgum topo, onde se desata o mestre.

Seguindo o trilho, num rincão do agreste,
Se acha o passo, bagual, desbarrancado
Onde, se ouvindo a pândega silvestre,
A gente passa, a cabresto, pra o outro lado.

Unindo as duas numa só morada,
Vai-se com o tempo, se avivando a estrada
E o passo oculto se tornando franco.

O atalho estreito já virou caminho
Pela amizade que faz mais vizinho
Quem vive a amarga solidão do campo.

CARREIRA COM O TEMPO

(Sérgio Carvalho Pereira/André Teixeira)

Este poema foi inspirado no conto "Contrabandista" (Contos Gauchescos e Lendas do Sul) e no caso "O meu Rosilho Piolho" (Casos do Romualdo), ambos de João Simões Lopes Neto.

Botei os encontros n'água na corredeira da sanga,
espinhos de japecanga com venenos de aroeira,
olhei para a reboleira sem tempo para as pitangas,
chuva que atropela em mangas não para pra abrir porteira.

Eu trago uma encomenda, vestido de casamento.
E a mala que atei nos tento, seguro, bandeia água.
Desde o fim da madrugada, uma barra me atormenta
e eu vou corpeando a tormenta na anca da minha gateada.

Fugir de chuva é loucura, contava o velho Simões.
Mas sempre há ocasiões que o laço rebenta um tento.
Ser peão seria um lamento, se não houvesse a grandeza,
de por uma gentileza, correr carreira com o tempo.

Quando a manga me atropela, eu dou mais rédea pra égua,
só me faltam duas léguas, três horas para um andante.
A moça é flor deslumbrante, perdida nessas campanhas,
daquelas que não se apanha, porque já nasceu distante.

E eu já enxergando a morada, quase dentro da cancela,
era um quadro de aquarela quando a chuva me agarrou.
A cortina se fechou e um aguaceiro danado
molhou o pelo gateado e o vestido do meu amor.

E não parou de chover naquele fundão de campo,
estava de tanto em tanto, voltava que era um tormento,
lágrima, lama e lamento, num rosto que não se esquece
e se hoje o sol aparece, segue chovendo por dentro.

ATADOS E TOSOS

(André Oliveira/André Teixeira)

Na cavalhada de serviço
Pra serventia do peão!
Eu toso o “Ponta de Lança”,
Destopeteio por tradição.
E aparo a cola a preceito
Lá na curva do garrão.

No eguedo da manada
Eu boto um toso pampeano,
No velho estilo “Crioulo”
Todo baixo, reto e plano,
Com a cola mais aparada
Como usam os “castelhano”.

No gateado e no rosilho,
Pingaços do meu lombilho!
Por terem o pescoço fino
Toso sempre à “Cogotilho”,
Ato o cacho à “Quatro-Galho”
Ou “Bailado” quando encilho.

Ao chegar a primavera
Com setembro em alvoroço!
Pego potros na mangueira
A pealo ou pelo pescoço,
E pelo a cerda e o sabugo
Pra vir o fiapo bem grosso.

Pra sacar boi na barbela,
Tostado marca de copa.
Dou um nó de “Aparta-Boi”
E empurro a bico de bota.
Aos magros, grito: Refugo!
Dos gordos eu faço a tropa.

“Meia-Quilina” ou “Aparada”,
Eu toso o baio piqueteiro!
Nas éguas da gurizada
Um “Meio-Toso” grongueiro,
Querendo até de buçal
Se agarra e salta de em pêlo.

No meu redomão salino
E nesta potra redomona,
Dou um nó de “Capataz”
Ato queixo e sento carona.
Deixei um “Negalho” no toso
Pra dizer que está em doma.

Toda estância que se preza
Tem que ter um aporreado!
Corto a cola no sabugo,
O topete e o toso aparado,
Deixo pra “Trança de Crina”
Um “Pega-Mão” encorpado.

Nesta moura ato “Dois-Galho”
Com o toso “Passarinheiro”.
No picaço ato um “Corneta”,
Um “Negro Velho” no oveiro
Pra tourear a milicama
Nalgum bolicho povoeiro.

Mas pra gauderiar na pampa
Que Deus me deu por regalo
Faço um nó de “Segurança”
Em qualquer um ao monta-lo
Mostrando qu’eu sou patrão
Com este atado à “Cantagalo”.

DOS CANTARES DA MINHA TERRA

(Recolhida do folclore por Clóvis Colman e adaptado por Gujo Teixeira/André Teixeira)

Versos folclóricos que o gaúcho Clóvis Colman, na década de 1980, colheu da oralidade popular dos homens de campo em São Gabriel, nas proximidades do Batovi. Adaptados pelo poeta Gujo Teixeira.

Atirei um limão na água
Redondinho foi ao fundo
Quem tem amores, tem guerras
Em qualquer lugar do mundo.

Tão triste, tão retirado
Tão triste nunca me vi
Não tem um dia do mês
Que eu não lembre de ti...

Quem tem amores não dorme
Nem de noite, nem de dia
Dá mil voltas pela cama
Igual peixe nágua fria...

_Dos cantares da minha terra
Tem cada verso de luxo
E era assim deste jeito
Que cantava um gaúcho._

Subi no alto do morro
Pra te ver prenda querida.
Amor e potro veiaço
São golpes que tiram a vida !

Meu amor é pequenino
Do tamanho de um botão
De dia tu vai nos bastos
De noite no coração...

Tico tico no terreiro
Quando chove não se molha
Onde tem moça bonita
Para as feias não se olha !

Dos cantares da minha terra
Juntei bem como eu ouvi
E era assim deste jeito
Que cantava o Batovi.

O amor de perto é querido
De longe mais estimado
Se de perto me dá penas
De longe maior cuidado.

Passarinho de dois ninhos
Um no mato outro no campo
Como pode ser leal
Um amor querendo tantos.

Desde o dia que te vi
Eu fiquei querendo bem
Não te tiro dos meus olhos
Nem te troco por ninguém !

Dos cantares da minha terra
Eu lembro com emoção
E era assim deste jeito
Que cantava meu rincão...

DO TEMPO

(Eron Vaz Mattos/André Teixeira)

A vida fica menor
A cada hora que passa
Quanta coisa perde a graça
Fazendo crescer lembranças
Por minguarem esperanças
Que pestearam no caminho
E a gente fica sozinho
Mascando sobras de andanças.

Quantos momentos sublimes
Quanta amargura vivida
Nessa estrada percorrida
Com horizontes distantes
São malos esses instantes
Que desabam sobre nós
Na alma uma dor atroz
Que chega aos que são andantes.

Amigos que foram tantos,
Amores não esquecidos
Que estão enternecidos
Nos coxilhões da saudade
Um patrimônio, é verdade
Que levamos vida a fora
Pra melhorar cada aurora
Com sua luz de eternidade.

Jamais esqueci rincões
E ternuras que senti,
Lugares que conheci
De amigos que conquistei
Nas distâncias por aí
Nada me foi esquecido
Nenhum amor foi perdido
Eu sim é que me perdi.